

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS
EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 14125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 575 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 13500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NÚMERO, 7

«O Povo de Aveiro» continua a ser vendido em Lisboa no Libaque do Terreiro do Paço.

AVEIRO

LICÇÕES DE HISTORIA

Os opportunistas foram sempre os peiores inimigos da liberdade, porque se compõem de especuladores e de pusillanimes e frouxos. Como especuladores, a sua mira constante é explorar a monarchia quanto lhes seja possível preparando-se para explorar a Republica quanto lhes seja necessario, ou vice-versa. A sua conducta systematica, a que elles chamam politica, é estar com um pé na monarchia e outro pé na republica; os seus anhelos, as suas aspirações é servir a Deus e servir ao diabo. Mas como Deus e o diabo são inimigos irreconciliaveis, como tem interesses e tendencias oppostas, succede quasi sempre que os interesses d'un são sacrificados aos interesses do outro pelos que julgavam intermediarios e amigos. E em geral é o diabo que sabe mal da partilha! O diabo é independente, é activo, é franco. Alem d'isso é pobre. Deus é jesuita, diplomata e rico. E' pois o diabo que perde por se metter com os especuladores, o diabo que venceria de certo á custa da vantagem das suas qualidades pessoais se as não descreditasse com um contacto impuro e não se deixasse ludibriar pela sua generosidade e grandezza d'espírito. Aqui o diabo é o liberalismo, é a democracia, é a Republica!

O outro grupo, o grupo dos pusillanimes e frouxos, não é menos vicioso e nefasto. E' o grupo das boas pessoas, que não sabem das boas pessoas, nem o mal. E' o grupo dos hesitantes eternos, que são sempre da opinião do ultimo individuo que lhes falla. E' o grupo dos commodistas, que não sahiram hontem de casa porque estava muito frio, que não sahem

hoje porque está muito calor e que não sahirão amanhã porque sapõem que ha de estar vento ou que ha de chover. Timidos, enthusiasmam-se com os lyrismos revolucionarios que são inoffensivos. Medrosos, são incapazes de avançar um passo no caminho do progresso porque receiam as dificuldades e porque temem medo da resistencia. Por isso se dizem opportunistas! Era a maneira mais decente de cortar o nó gordio!

Digam-nos agora os leitores, com tal gente ha por governo possível? Não ha, e por isso a republica franceza está em más condições, por isso morreu a republica hespanhola, por isso o partido republicano hespanhol tem sido uma vergonha, por isso o partido republicano portuguez está no estado de desorganisação e desprestigio que se vê

Diz-se e escreve-se que a vida dos povos é como a vida do individuo. Pois então estudem a vida do individuo e vejam o que se passa, para d'ahi concluirem o que se ha de passar na vida da nação. E' assim que se estuda: do simples ao composto, do particular ao geral.

O que é um francez nas relações sociaes? Um francez é um hypocrita que nos desacredita pelas costas e nos abraça pela frente. Sempre em harmonia com os seus proprios interesses, faz-nos rasgadas reverencias quando nos encontra, até nos accumula de favores e presentes se é preciso, para poder impunemente dar-nos um pontapé ou cercear-nos os nossos interesses. Pois ahí tendes um opportunistas especulador!

Christo disse, até certo ponto muitissimo bem: — quem não é por mim é contra mim. Accusa-se este principio de um principio de intolerancia. Sim, de intolerancia admitindo-se a indifferença dos homens. De dignidade, de independencia, de carácter, admitindo-se a convicção que cada um deve possuir em tudo e por tudo. Não tem carácter o que ferir injustamente a minha honra e, dizendo-se meu amigo, não tem para isso uma palavra de protesto. Car-

cter não tem por conseguinte o opportunistas que joga com monarchia e republica, o transigente que anda envolvido em pactos constantes com o adversario.

Na vida particular, o pusillanime, o timido, o frouxo, é d'ordinario a desgraça das familias. Não sabe administrar a sua fortuna, não sabe contrar as demandas da mulher, não sabe educar os filhos. Os grandes rasgos, os grandes impulsos, as grandes administrações ficam para os homens energicos.

Em politica é a mesmissima cousa. Os poetas são uns tranalhinhos que nem servem para tranca de porta. Servem para nos incommodar e fazer tropeçar.

Isto são licções de historia pratica que illucidam o povo por que são a realidade quotidiana dos factos. Se sahirmos d'aqui a estudar a humanidade no todo, lá vem a mesma licção, com as mesmas induções e as mesmas conclusões. A primeira republica franceza ergueu um paiz exaustido e desorganizado para o tornar predominante no mundo; ergueu-o pela energia dos seus actos, pelo radicalismo das suas medidas, pela intransigencia dos principios. Perde-o, quando confia n'um conquistador, quando esquece os principios no deslumbramento da victoria, quando põe de parte a intransigencia para perdoar a transigencia. A segunda republica franceza eleva-se enquanto não põe de parte a missão social que vinha executar: degrada-se e morre quando leva o opportunismo e a transigencia até dar o supremo poder a um principe. A terceira constitue-se ao calor do enthusiasmo que desperta o programa radical dos seus homens; desprestigia-se quando os homens renegam as suas afirmações e a levam de tombo e tombo até ás aventuras napoleonicas e aos braços reaccionarios. Assim em Hespanha a Republica morreu ás mãos de Castelar, nas mãos de Castelar esbarra ha onse annos um grande partido, como em Portugal se definha um partido não menos generoso nas mãos do sr. Elias Garcia, do sr. Magalhães Lima e d'outros vultos conhecidos.

Raça damnada, mil vezes mais prejudicial á liberdade de que os clericos mais terriveis!

São estas licções, são estes factos que levam o povo para o radicalismo, que é uma politica clara e franca, decidida e energica dentro de principios puros.

ELIÇÕES DE LISBOA

Realizam-se brevemente em Lisboa as eleições municipales. A lucta, pelo que se vê do movimento eleitoral, va ser renhida e fera entre republicanos e monarchicos.

Achamos não conhecemos a lista republicana e não a podemos por isso apreciar. Entretanto supponmos que será no geral aceitavel pelos elementos radicaes. Estes, porém, á falta de organisação voltarão como o julgarem conveniente.

Pelo que nos toca, á parte alguns nomes somos de opinião que convem cerrar fileiras contra os inimigos monarchicos. Para nós radicaes, o triumpho da lista não importa o triumpho dos jesuiticos, dos transigentes, dos opportunistas. Importa o triumpho da idéa republicana. Nem os transigentes ou jesuiticos teriam de que se vangloriar como homens, porque sendo a maioria da opinião de Lisboa radical, o seu triumpho pessoal seria devido a necessidades de momento e nada mais. Uma diminuição agora na votação de Lisboa pode-nos fazer mal para a propaganda da idéa; o triumpho d'uma lista conservadora, mas de nomes até certo ponto admissiveis, nada nos prejudica, porque a opinião correrá depois com os proprios que só por uma necessidade politica agora elege. Já os conhece bem!

E' isto que pensamos. Todavia desde já declaramos que ha um nome em que julgamos um grande desdouro politico votar. E' o nome do sr. José Elias Garcia.

A QUESTÃO RELIGIOSA NA INGLATERRA

A questão religiosa é levantada em todas as reuniões eleito-

raes d'aquelle paiz, como disse-mos. Ninguem se furta a ella, nem conservadores, nem liberaes, nem radicaes. E quando algum candidato procura fugir-lhe, ha logo um ou muitos eleitores que lhe lembram o seu dever. Vejamos.

No comicio de Keit, o sr. Lawrence perguntou ao sr. Stormonth Darling, candidato conservador por Banffshire:

«Em vista da grande injustiça feita aos eleitores de Northampton impedindo que um deputado devidamente eleito tomasse assento na ultima camara, o sr. Darling, se voltar ao parlamento, vota um Bill que substitua o actual juramento de fidelidade e obediencia por uma simples affirmação?»

«O sr. Darling:— Entendo que se não fez injustiça aos eleitores de Northampton e approvo inteiramente a conducta seguida com elles por Lord Iddesleigh, então Sir Stafford Northcote. Mas a questão geral agora é saber se um membro da camara tem de prestar juramento ou de fazer uma simples affirmação. N'esse ponto estou com o sr. Lawrence. Entendo que deve passar uma lei a tal respeito.»

Não ha nada mais claro. Aqui temos um conservador que entende que o sr. Bradlaugh não pode entrar na camara estando as cousas como estão, entendendo ao mesmo tempo que as cousas é que não podem continuar assim e que é preciso tomar uma resolução definitiva. Um conservador monarchico mais liberal por conseguinte que certos republicanos portuguezes! Ao menos não repelle as questões religiosas, nem a discussão!

Vamos a outro. E' o sr. E. B. Barnard, candidato liberal por Waltham:

«Uma vez por todas declaro que não partilho as opiniões extremas do sr. Henry George e do sr. Bradlaugh. (Applausos. Uma voz:— Então para que apoio, aborreo até as suas opiniões, (Vozes:— ouçam, ouçam!) mas amo a liber-

via-lhe a elle a sua freguezia e a grande reputação de que gosava o prato especial do seu gargot, cuja excellencia Thiboust acclamava por toda a parte com uma eloquencia de fazer vir aqua á boca do mais indifferente e fastioso sujeito.

Uma das suas principaes virtudes era a piedade filial.

Apesar de amar até ao delirio a vida afurada do «boulevard» e de ser o que se chama em França «um homem de boas fortunas», nunca deixou d'ir em certas épocas do anno passar alguns dias no campo em casa de sua mãe. Contou-me Albert Wolff 1, o companheiro de Rou-

1 Albert Wolff era tambem meu visinho na rua Mazagran.

Uma vez, pagando eu a minha conta d'um mez á dona da «maison meublée» em que vivia, permiti-me observar-lhe que, tendo acabado a exposição, se me não figurava extremamente barato o preço de cinco francos por um quarto de dormir e uma pequenina sala de receber em uma rua coquinha a Mazagran, cu-

FOLHETIM

JANTARES E JANTANTES

No mez de dezembro e das seis para as sete horas, quando a neve branqueia os «boulevards» e o nordeste assobia pelas fendas das janelas, a mesa posta para dois em uma d'estas pequeninas salas de jantar das casas de Paris. Um tapete no chão, cortinas de lá corridas nas portas e nas janellas, um bom lume no «poêle» de porcelana branca, e a mesa, entre duas cadeiras de braços, ao pé do lume; no meio da mesa um grande candieiro de boa luz, cujo disco se candeiro no espaço do banquetto; de frente da terrina um ramillete de violetas, um prato com duas péras, outro com duas laranjas de Potel et Chabot, e um pastel de Chartres, de Chevet ou de Vero-Dodat, entre uma garrafa de Sauterne bem cossido e uma garrafa de velho Chateau Lafitte. Com isto um bom

appetite, uma boa saúde e uma boa alma, e as vivas expansões d'uma mocidade honrada e d'um talento alegre, participadas e retribuidas por uma creatura amavel, que nos ame um bocadinho e que se deixe amar, não d'esse amor descabellado e macilento que jejua d'oncazinado e que se deita a afogar de birra, mas d'um pequenito amor, desmalticoso e «bon enfant», que não tem outra pretensão senão a de nos dar contentamento, e que será contente no dia em que souber que o esquecemos se a lembrança d'elle involuntariamente nos fazia desgraçados.

Dizem os que o experimentaram que é esse um dos melhores jantares e um dos deliciosos gózos que se podem ter n'este valle de consumições e de miseria, e onde o homem, a quem tão pouco falla ás vezes para não ser um desgraçado, se affina tão frequentemente na tristeza dilacerante e corrosiva com um emperro e amúo de besta fera.

Acrescentam ainda que a memoria das horas que se viveram assim, é uma suave companhia na solitaria quadra das recordações, e que a gente, no in-

verno da vida, ao lume das suas lembranças, se deixa mais resignadamente envelhecer e inclinar para a cova lembrando-se que uma vez seguiu por entre os bosques em fôr, at' o seu mysterioso ninho, a alegre visão da mocidade que um dia lhe passou á porta: pensando que nada melhor encontrou alquem no mundo, nem a nós mesmos se nos depararia igual segunda vez, embora a estrada da vida se nos prolongasse por mais trezentos annos debaixo dos pés fatigados e trópegos.

No que levei dito dos jantares de dois me reporto ao testemunho de abaladas autoridades, que eu de mim estou novo de mais para me recordar, e muito velho já para que a mim mesmo me dê a permissão de sentir ainda.

Mas que me não vá esquecer Lambert Thiboust, de quem promettei fallar-lhes.

Foi elle que deu origem ao celebre grito parisiense que por tanto tempo andou na bocca e nos ouvidos de toda a gente— «Ohé! Lambert! Oú donc est Lambert?»

E' o author de muitas comedias po-

pularissimas, representadas em quasi todos os theatros de Paris, e principalmente no Palais Royal.

Era um rapaz alegre, despresumido e aberto, que ninguem conhecia sem que sympathisasse com elle. Tinha sempre o coração nas mãos, como se diz, e a bondade expressivamente escripta na sua redonda e alegre physionomia. Fallava com toda a gente que conhecia e aproveitava todos os pretextos de conversar. A circumstancia de haver comprado um par de botas a um sapateiro era razão para ter conversado com elle durante meia hora, e para lhe dizer depois todas as vezes que o visse: «Eh! mon vieux! comment vont les affaires?»

Quando ia almoçar ao restaurant da esquina da rua de l'Echiquier, de que acimo fallei, sabia de casa vestido como estava no quarto, de calças e jaqueta de veludo verde, os pés em chinelas de marroquim, as mãos nas algibeiras das calças e a cabeça descoberta. Toda a gente vinha ás portas para o saudar com um amigavel sorriso, e elle tinha sempre um dito amavel para cada um. O fabricante da «tripe á lyonnaise» de-

dade de eleição, que estou resolvido a defender. Se os electores de Northampton elegerem Bradlaugh eu hei de sustentar Northampton, e procedendo assim sustento os direitos dos cidadãos inglezes e não as blasphemias dos atheus (Prolongados applausos)

Positivo e bonito. Não é materialista aquelle candidato, mas é liberal e como tal quer a liberdade para todos. Aborrece as opiniões de Bradlaugh, mas não o tem por doido nem por vendido ao governo de sua magestade por levantar a questão religiosa. Ah, que se o tal candidato fosse Arneste...

Continuemos. E' ainda um conservador que falla, o sr. C. A. Whitmore, candidato por Chelsea:

«Não votarei a abolição do juramento. (Applausos e apupos) Não votarei a admissão do sr. Bradlaugh na camara dos communs enquanto elle não observar todas as formas ordinarias de admissão n'aquella casa (Applausos e apupos)

Não quer, acabou-se. Ao menos tem a franqueza de o dizer, tem a lealdade de expor os seus principios ao povo para que elle o julgue como entender. Isto é um conservador inglez. Se fosse um republicano portuguez, gritaria como um possesso que não convem agitar a questão religiosa!

Agora o reverso da medalha. Elle ahí vem já com os srs. Henry Wardle, candidato por South Derbyshire, Storey Maskeline, candidato por North Wilts, Seymour Keay, candidato por West Newington, William Crawford, candidato por Mid-Durham, Jonh Corbett, candidato por Mid-Worcestershire, Donald Cameron, candidato por Northern Burghs, Asher, candidato por Elgin, e alguns outros, que combatem os preconceitos religiosos e promettem votar contra todos os juramentos. Alem d'esses ha mais de duzentos candidatos que se declaram partidarios da liberdade de consciencia e promettem votar por uma simples declaração em substituição do juramento religioso.

Seria impossivel transcrever para aqui trechos de todos os discursos favoraveis á causa de Bradlaugh. Mas na impossibilidade d'essa completa e desenvolvida transcrição, ahí seguem duas ou tres amostras curiosissimas. Uma é do proprio filho de Gladstone, o velho chefe do partido liberal, o ministro favorito da Inglaterra. Ouçamos, pois, Herbert Gladstone no grande meeting de Newark:

«Desejo que o sr. Bradlaugh tome assento na proxima Camara dos Communs á despeito de todos os conservadores da Inglaterra (Applausos.) O sr. Bradlaugh não só como politico mas como homem é muito melhor de que a maioria dos conservadores, e não desacreditou a Camara durante o pouco tempo que n'ella teve assento, o que já não pos-

so dizer d'um grande numero de conservadores. (Applausos)»

«O principio da liberdade civil e religiosa, exclamava o candidato Caleb Wright, é um ponto de honra para o liberalismo. Os cidadãos tem amplissimo direito de sustentar e defender qualquer opinião religiosa ou especulativa. Sou por isso favoravel á abolição do juramento parlamentar. A obediencia religiosa de qualquer especie, mais prejudica de que serve o fim que tem em vista; é uma injuria á consciencia humana ao mesmo tempo que não detem nenhum homem de principios.»

Perfeitamente, esplendidamente! Eis como n'aquelle grande paiz, no paiz que hoje está dando exemplos de democracia a todo o mundo, se comprehende a politica. Em politica não se foge, não se esconde, não se cala, não se sophisma a mais pequenina questão. Todas se discutem deante do povo, para que o povo resolva como soberano supremo. Nenhum homem nem nenhum partido tem a petulancia de afirmar que convem não fallar n'isto ou n'aquillo. O que o fizesse ficaria inutilizado para sempre. Todos dizem o que sentem e o que pensam!

Affirmar que a politica não tem nada de commum com a religião, que é um erro desfazer as illusões populares, que é intolerante combater o clero pela palavra e pela penna, só é proprio d'esses palermas que em Portugal não tem vergonha de se dizer republicanos. Estava-lhes reservada essa gloria suprema!

O padre mestre da Republica, continuando a dar ao realejo, disse por entre muita jaimiada que —os clericos e os anti-clericos, alem de timidos, são ignorantes.

Por conseguinte são ignorantes, alem de muitos outros, Theophilo Braga, Teixeira Bastos, Pi y Margall, Clémenceau, Paul Bert, Bradlaugh, etc. Agora sabio e sabio a valer é aquelle que escreveu que o exequível é muito superior ao justo, que o politico tem mais alguma cousa a fazer de que attender aos seus ideaes e que se não houvesse ignorantes só poderia haver ordem por meio das bayonetas. Um sabio que até descobriu analphabatos que sabem ler e analphabatos que não sabem ler! Valha-te Deus, Ignez, que nem com os olhos abertos ves.

O mesmo padre mestre anda furioso com o conclave da Travessa das Bruvas. Ah, ahí, é dar-lhe ahí, que nos serve!

Onde estão os homens mais distinctos que elle tinha ao seu lado? Alviçaras a quem os descobrir.

A reacção em França anda desorientada por causa de um programma politico-religioso que o ultramontano Mr. de Mun publicou, dando lugar entre a gente

com Thiboust á estação do caminho de ferro da provincia d'elle, para virem jun-

to dos «boulevards» e no pulmão o ar embalsamado pelo «bouquet imperial» das elegantes no «bois de Boulogne.»

E' um dos principaes redactores do «Figaro», o que immediatamente significa duas coisas: que é um dos homens mais espirituosos de França e que desfructa, pelo facto de escrever tres vezes por semana uma pequena chronica de Paris, um ordenado superior ao dos mais altos funcionarios publicos em Portugal.

Wolff, que é um rapazão, novo, alto, cheio e sympathico, recebeu-me de braços abertos quando eu lhe disse ao que ia e porquê, obrigando-me a crer que eram dados de graça os quartos de Madame Solichon enquanto ella tivesse a poucas portas de distancia um visinho d'aquelles.

Depois d'uma conferencia secreta, que durou duas horas e meia, passeavamos juntos no terraco do «Café Riche», exactamente como se as minhas obs-

clerical a furibunda replica. A imprensa catholica está em vivo desaccordo. Eis, pois, um scisma entre os reacconarios, que demonstra evidentemente que nos arraiaes do clericalismo, os soldados estão profundamente divididos e em aberta opposição uns contra os outros. E os coitados sustentam velleidades de querer derrubar a Republica!

As mesmas publicações reacconarias, as que mais alardeiam religiosidade e fervor catholico, inserem declarações por demais edificantes. O «Figaro», diario muito conhecido e nunca suspeito da menor dose de liberalismo, exprime-se nos seguintes termos a proposito do programma de Mr. de Mun:

«Tenhamos o valor de o dizer: a França é catholica com certeza; mas é-o menos do que o suppõe Mr. Mun.

«A' parte um nucleo de catholicos militante, activo, mas muito restricto, a religião consiste, para as mulheres em ir á missa e commungar alguma vez, e para os homens em casar-se ecclesiasticamente, em apresentar seus filhos á pia baptismal e ouvir nos momentos supremos da vida os consolos do sacerdote. No fundo isto é correcto e seria imprudente pedir mais; mas isto não significa a formação d'um partido catholico que subordina toda a economia social e politica d'estes tempos á satisfação de suas doutrinas.

«Enquanto a suppor que os electores do dia 4 d'outubro, nomeando os deputados anti-opportunistas, quizeram votar pela abolição do «divorcio», a «reforma do direito de testar», o respeito á santidade das festas do preceito, que converteria os nossos apraziveis e sorridentes domingos francezes, nos sombrios e tristes domingos e inglezes, Mr. de Mun illude-se se assim o crê.

E não só os diarios neos se limitam a provocar uma dissidencia conservadora por causa do programma de Mr. Mun. Os proprios individuos pertencentes ao clero parochial tambem atacam o fogo, interpretando cada um a seu modo a situação actual da França, e o modo do fazer frente aos acontecimentos. Agora appareceu o parochio de Feins, dando um espectáculo de altissimo interesse. No domingo ultimo, dirigiu do pulpito a palavra aos freguezes, debatendo assim: Quer-se nos impedir de nos occuparmos da politica; pois occupar-me-hei d'ella igualmente. Continuou desofogando a sua bilis, dizendo, que os que haviam votado a favor dos republicanos eram mais brutos de que os cães, e terminou a sua iracunda oração com as seguintes palavras:

«A separação da Igreja do Estado não nos espanta de modo nenhum. No dia em que o Estado nos não pague, poderá reduzir-se o numero de sacerdotes: somos vinte oito no cantão. Bastariam quatro para exercer o serviço da religião.» Preciosa confissão.

tos para Paris. Lambert, enquanto esperava a sahida do trem, pediu papel e tinta e principiou a escrever uma carta em cima do balcão da mulher que vendia livros e periodicos na «gare.»

«A quem escreves?» perguntou-lhe Wolff.

«A minha mãe.

«Esqueceu-te alguma coisa em casa?»

«Não, mas ella ficou tão triste por me ver partir — coitada — que eu tinha remorsos se não aproveitasse este tempo que espero aqui para lhe dizer ainda outra vez adeus.

Nunca vi homem mais geralmente estimado do que Thiboust o é em Paris. Desde a «Place du Chateau d'Eau» até o «boulevard des Capucines», toda a gente o conhece, e não falli n'elle a ninguém que não exclamasse ao ouvir o seu nome:

curas fibras tivessem tambem tido a honra de haver sido cheiradas pela critica do sr. Veillot.

Infelizmente porém para mim continuei a ser d'ahi por diante, como tinha sido até ahí... um homem sem choiro.

Carta de Lisboa

27 de novembro.

A morte do rei de Hespanha é a noticia de maior sensação em Lisboa. Quando na quarta feira á tarde chegaram telegrammas dizendo que sua magestade tinha tido uns ataques de dyspnea, logo toda a gente viu detraz d'esses ataques a morte immediata do monarcha. De facto, toda a gente sabia que D. Afonso estava de ha muito minado pela syphilis hereditaria e pela tísica, enquanto a Agencia Havas se comprazia em negar essa doença e dar o rei de perfeitissima saude. Portanto se a agencia official de todos os governos imaginarios e possiveis nos dava inesperadamente e de chofre a noticia de que o rei estava mal, é porque o acontecimento era tão grave que já não era possivel esconde-lo. Os telegrammas valiam pelo que escondiam e não pelo que diziam. E na verdade, horas depois chegava a participação de haver fallecido D. Afonso XII.

Deu-se, pois, o successo que se esperava ha muito tempo. A saude fragil do rei, em cujo sangue circulavam desde o nascimento os germens da morte, não podia resistir aos excessos libidinosos de sua magestade. Com prudencia e cuidado não seria difficil ao filho de D. Izabel II prolongar a vida, chegar mesmo a uma idade avançada relativamente. Mas era de tal licenciosidade, tão soffregamente vicioso, que a morte teria de fechar em breve aquelle cyclo de devassidões em que figuraram com celebridade as damas mais gentis da democracia hespanhola. Era em tudo *el hijo de su madre!*

Morreu, pois, o rei de Hespanha. E apesar de todas as lóas dos jornaes monarchicos, não se póde dizer que deixasse bom nome na historia. O fusilamento dos pobres sargentos e dos infelizes officiaes republicanos ha de lhe perseguir sempre a memoria como espectro de horror e de vingança. Quanto mais os realistas lhe esfregam essa nodoa no intuito de lh'a apagar, mais negra e repugnante ella se nos apresenta. Foi uma necessidade politica, foi uma pressão de conselheiros responsaveis, exclamam! Não, foi o trahbordar d'um odio crudelissimo, foi a manifestação d'um instincto vingativo e cruel, o instincto historico dos Bourbons! Uma necessidade politica não, porque o rei sabia que o perdão lhe acarretaria a maior das popularidades, principalmente quando a Hespanha inteira lh'o pedia. Uma pressão de conselheiros não, porque o casamento com Mercedes de Montpensier provou até á evidencia que D. Afonso XII sabia e podia repellir pressões. A's insistencias de todos os politicos para que não realisasse aquelle casamento, respondia magesticamente em S. Lucar, dizendo simplesmente a sua prima: — *serás mi muger*. Porque não usou da mesma energia, se d'ella precisava, para salvar a vida a uns poucos de infelizes que deixavam

creanças na orphandade e mulheres jovens na viuvez? Porque não quiz. Esta é a triste realidade, contra a qual não valem nem argumentos nem sophismas. Uma nodoa de sangue, um despotismo ferreo, um paiz arrasado em 11 annos de paz, eis o que ahí fica a recomendar esse cadaver que desce á sepultura.

Morreu o rei, mas não se pode dizer como nos tempos aureos dos Bourbons *mort le roi, vive le roi*. Em lugar d'um outro rei, ficou uma creança, uma pequenita de cinco annos, que começa para a vida, coitada, no periodo mais grave da vida de sua familia. Ha de ser ella, essa creança, que ha de dirigir a Hespanha no mar revoltado das paixões e das aspirações que a embatem? Impossivel! A fatalidade, que lhe havia traçado o caminho no primeiro dia em que nasceu, aponta-lh'o agora inexoravel e firme. E' o caminho do exilio, o caminho do desterro, por onde nunca mais ha de voltar ao formoso paiz em que surgiu. Flor que nasce á noute e que se extingue de manhã!

Morreu o rei e com o rei morreu aquelle reino dos bourbons. Agora só ha dois recursos, dois unicos recursos: — ou a Republica ou D. Carlos. E' o dilemma fatal que não dá sahida á Hespanha de qualidade alguma. Qual dos dois tem mais probabilidades? Os monarchicos progressistas acceitam o D. Carlos? Não, em nenhum caso. Então não só hão de acceitar, como hão de procurar mesmo a Republica. Eis a solução mais ou menos immediata da politica hespanhola. Nunca nenhum regimen teve melhores ventos a impellilo de que o regimen republicano tem n'este momento. A Republica em Hespanha não vai ser só o resultado da acção d'um grandissimo partido, por si mais poderoso que qualquer dos outros. Vai ser uma necessidade nacional, por todos acatada e reconhecida.

E' por conseguinte, muito grave este momento para nós. Se os republicanos portuguezes, ou os chefes para melhor dizer, são susceptiveis de juizo, o que não creio, nunca tiveram melhor occasião de que esta para o manifestar.

—Deu-se ahí ha dias uma tragedia de amor. Adelaide d'Almeida Avelino e José Antonio Pereira viviam como amantes na rua do Carvalho. Ultimamente foram-lhe escasseando os recursos e Adelaide adoeceu. No principio de esta semana falleceu a infeliz. José Antonio Pereira, desesperado com o funebre successo, suicidou-se. Parece que os dois amantes se amavam doidamente.

—Outra tragedia de amor. A bordo do vapor Valparaiso suicidou-se uma senhora. Um passageiro que a acompanhava e que lhe tinha muito amor, enlouqueceu por esse facto.

—Outra. Em Evora seguiam ante-hontem duas ciganas discutindo ciúmes pela rua da Porta Nova. De repente uma d'ellas enfiou-se e matou a outra com uma punhalada. Uma semana

chefort na redacção dos primeiros artigos do «Figaro», que chegando um dia

elegancia me parecia assaz contestavel.

—Pelo contrario — respondeu-me Madame Solichon — a rua é das habitadas pela melhor gente de Paris e muito me admira que v., sendo um homem de letras, não attenda a que teve de frente de si Lambert Thiboust, o author da «Corde sensible», e que tem ainda ao seu lado Albert Wolff, a «fleur des delirés», como lhe chama o sr. Veillot no seu livro dos «Cheiros de Paris.»

Sem mais prologos fui immediatamente depois d'isto a casa do visinho que a minha boa sorte me deparára, a fim de examinar se elle tinha effectivamente o cheiro que lhe attribuiu o sr. Veillot.

Wolff, allemão como Henry Heine, é um d'essos parisienses que nascem por equivooco da natureza a mil leguas de distancia do muro do Ocroi de Paris, mas que o reconhecem como sua verdadeira e legitima patria depois que uma vez sentiram debaixo dos pés o asphal-

to dos «boulevards» e no pulmão o ar embalsamado pelo «bouquet imperial» das elegantes no «bois de Boulogne.»

«Oh! ce cher Thiboust! il était si bon!»

O santo prazer de jantar com a familia, ou antes a ócca e escura melancolia de não ter familia com quem jantar, pintou-a Thiboust como ninguém em uma comediazinha em um acto que elle escreveu para o «Gymnase» onde eu a vi, e que é uma verdadeira obra prima, debaixo d'este singelo e sympathico titulo — «Je dine chez ma mère.»

Imagino que é em Paris no dia d'anno bom.

O primeiro dia do anno representa em França a synthese de todas as festas que nós celebramos pelo anno todo: o amavel recolhimento do Natal, as congratulações da Paschoa, as comezanas do Entrudo e as prendas do S. Miguel.

Sophie Arnould, a celebre actriz, rodeada de todos os commodos da vida, entre a sumptuosidade e a elegancia prodigalisadas á sua belleza e ao seu espirito pela generosidade ostentosa dos seus admiradores, tinha recebido desde pela manhã os mais custosos ramilhetes de camelias, centenares de bi-

lhetes de visita transmittindo-lhe os nomes que representavam n'esse tempo a mais elegante e a mais dissipadora mocidade de Paris, e juntamente com os bilhetes e com as flores quasi outros tantos brilhantes engastados em braceletes, em collares e em aneis.

E no entanto a intelligente rapariga está pensativa, melancolica, triste, d'essa vaga mas profunda tristeza que se não consola porque se não define. Que nas ruas a estridente e sincera alegria do povo, vê no «boulevard» as barracas dos mercadores ambulantes de bôlos, de bonecos e de cartonagens com amendoas, e em volta d'ellas os feirantes, para os quaes cada objecto comprado representa uma affeição de familia, uma velha mãe que se venera, uma irmã que se estima, um filho que se estremece.

Todas as familias de Paris se reúnem já ou hão de reunir-se antes de terminar o dia para o celebrarem no doce contentamento domestico.

RAMALHO ORTIGÃO.

(CONTINUA.)

cheia, como se vê! Quem puder que fuja do amor.

—Suicidou-se um pobre velho na Travessa da Ribeira Nova, precipitando-se d'um quarto andar. Parece que também as mulheres não foram estranhas a esse triste caso.

—Trabalha-se activamente em eleições. A lista republicana ainda não é conhecida.

Y.

PARA RIR

Tem-nos faltado espaço para aturar o cretino. Além d'isso estavam a ver se nos trazia alguma novidade em collaboração. Nada, sempre o mesmo idiota! Entretanto ah! vão duas noticias, que não são novas mas que não são más.

«Dois filhos (epigraphe da noticia) do sr. Gusmano Pereira Pinto Basto estão doentes. Oxalá que os dois pequerruchos alcancem breve uma saúde de ferro e ouro.»

Que magnifica liga que o pateta descobriu! Ferro e ouro! E' liga ou amalgama? Uma saúde de ferro e ouro! Esta é das que nunca esquecem.

«Morreu hontem a filhinha do nosso amigo... Fulano. Sentimos, como nosso este desgosto alheio.»

E' do desgostado pegar n'um pau e dar-lhe com elle. Não ha melhor maneira de um typo se confessar hypocrita. Até aqui julgavamos que quando algum nos manifestava o seu pezar pela desgraça que nos feria, era porque essa desgraça o desgostava ou incommodava indirectamente. Agora ficamos sabendo que existem cretinos para os quaes não é desgosto o desgosto dos amigos. Entretanto *sentem-nos* como se fossem d'elles. Quer dizer, o palerma descobriu a maneira de sentir não sentindo. Pois que requeira privilegio de invenção!

NOTICIARIO

A invernia continua obstinada a infligir-nos ao espirito uma nostalgia mortificadora. A atmosfera sempre carregada de humidades, manda-nos de vez em quando copiosas bategas d'agua ou uma chuva miuda e devéras inperitente.

As aguas do Vouga e do Agueda engrossaram muito. Se a chuva continuar, é provavel que alguma cheia nos visite auxiliada pelo vento noroeste que tem sido o vento predominante.

Temos sobre a meza o primeiro n.º d'um novo periodico hebdomadario, que vê a luz n'esta cidade. Denomina-se *O Parlamento*, e diz não se filiar em nenhuma escola politica, sem que com isso se abstenha de apreciar como entender os acontecimentos da administração nacional.

A parte o seu conjuncto tecnico que é d'um aspecto agradável, o presente numero apparece-nos bem rigidido.

Saudando o novo collega, apetece-mos-lhe todas as prosperidades.

Foi exonerado do lugar de visitor do imposto do sello em Aveiro, o sr. João Pedro Mendonça Barreto.

Na noite de ante hontem o ceu offereceu-nos um phenomeno curioso, que a superstição quiz tradusir em prenuncios tetricos.

As estrellas moviam-se em todas as direcções do firmamento, semelhando pequenos bandos de aves emigrantes. Algumas percorrendo uma grande trajetoria deixavam um rasto luminoso. O phenomeno principiou logo depois do occaso, operando-se o movimento

das estrellas em quantidades numerosas, mareando com o prolongamento da noite.

Em Valdivilhavo continua a grasar com intensidade a epidemia da variola. O povo d'aquelles sitios anda assustado com a insistencia da molestia que tem feito muitas victimas.

A *Officina*, semanario da classe artistica de Coimbra, dedicou o seu penultimo numero ao anniversario natalicio do decano dos jornalistas portuguezes, como homenagem ás qualidades proeminentes do dilecto filho de Coimbra, Joaquim Martins de Carvalho.

Um dos famosos Grainhas quando passava no comboio foi ha dias apupado da gare d'Espinho, tomando parte na manifestação os passageiros que até ali não haviam conhecido o heroe da Covilhã.

Este habil jesuita tem accumulado grossos cabedades á custa da ingenuidade das victimas e da tolerancia criminosa dos governos portuguezes. A Covilhã tem sido o principal reducto das suas façanhas.

Parece que o paiz vae accordando da indifferença, correndo esses infames, cuja existencia em Portugal uma lei vigente não autorisa. Elles tem cumplidos na administração do estado, identificados pelos interesses e pelos instinctos, e portanto o paiz terá de fazer justiça por suas mãos.

A *Semana* é uma revista moderna de sciencias, litteratura e artes, que vae em breve sair á luz no Porto, da qual é redactor o nosso prezado amigo Alberto Bessa.

A *Semana* pertence ao numero das publicações mais baratas do mundo. O seu fim é:—proporcionar alguns momentos de leitura aprasivel, registrar os successos da nossa litteratna e arte de fórma a constituir, ao fim do anno, um verdadeiro annuario util e agradável, e, finalmente, accentuar o papel historico que Portugal desempenha no desenvolvimento da litteratura universal.

A par da noticia scientifica, a biographia de personalidades illustres pelo seu trabalho e pelo seu talento, o registro dos acontecimentos mais notaveis e de maior alcance que forem succedendo-se, e a par d'isto o conto alegre e moral, a poesia bem cuidada, a chronica de theatros e recommendações de utilidade.

Para tudo isto conta a empresa com a protecção do publico e com a collaboração de muitos dos nossos homens de letras mais notaveis e conhecidos.

A correspondencia deve ser dirigida á rua de Wellesley, 214—1.º—Porto.

No dia de ante hontem do anno de 1848 fugiu de Roma para Gaeta o papa Pio IX, disfarçado em creado da condessa de Ipaur. Falta ser canonisado.

Um bocadinho de attenção para as gentilezas d'um ministro do altar exaradas n'um communicado inserto na *Discussão*. O protagonista é o padre José de Souza Sobral, parochio n'uma freguezia do concelho de Gaya.

Em junho do anno findo, em um campo pertencente ao regedor, o lavrador Antonio dos Santos Rocha, foi visto o padre José de Souza Sobral praticando actos offensivos da moral e da decencia.

O povo, accudindo ao local, apupou-o e applicar-lhe-hia o devido correctivo, se o padre ligeiro como o vento, não dêsse ás de Villa Diogo.

Em Agosto, do corrente anno, tendo resado com outros padres, os responsos de sepultura por alma de seu proprio pae, fallecido

poncos dias antes, n'esse dia, logo que chegou a casa quiz violentar a creada. Esta indignada com o atrevimento do amo, mimoseou-o com duas bofetadas, como castigo da sua ousadia.

O padre Sobral, intimidado com este desforço, que não esperava da digna mulher, retirou-se cabisbaixo e cheio de medo; mas tirando forças da propria fraqueza, d'ahi a dias chamou a creada á sua presença e disse-lhe:

—Qual foi a mão criminosa que bateu n'um ministro de Christo?

—Foi esta, disse a creada, estendendo-lhe a mão direita.

—Pois a mão que bate n'um ministro de Christo, está excomungada e deve ser quebrada.

E pegando com violencia na mão da creada, bateu com ella fortemente e repetidas vezes de encontro á parede. O padre só quando lhe viu os dedos partidos e a mão escorrendo sangue é que largou a sua victima, fugindo em seguida perseguido pelo remorso do acto que praticara.

Não reproduzimos mais porque nos falta o espaço para outros assumptos.

A scena passa-se no paiz dos compadres, e é um jornal pertencente á grey dos afilhados que nos traz a novidade, já apimentada de casa com muita graça. Commenta a nomeação do sr. Arthur Fevereiro, que não temos a honra de conhecer, para um lugar rendoso, e fecha assim:

Ha pouco tempo este cavalheiro era estudante, pouco depois passou a delegado, depois a contador da junta do credito publico, agora a director geral da administração politica e civil. Não tarda que não o vejamos almirante, general de divisão, medico da real camara, director do observatorio da Tapada, veterinario em chefe do exercito e patriarcha de Lisboa.

Tudo pôde ser no malaventurado paiz em que Fontes & C.ª monopolisam ou alargam o quadro da burocracia.

Devia ter ido á assignatura real, na quinta-feira ultima, o decreto approvando o regulamento do imposto do sello. Diz um collega lisbonense que a cobrança do sello nos annuncios dos jornaes, nos bilhetes de espectaculos, cautellas e bilhetes de loterias, bagagens de caminho de ferro, e outros objectos tributados pela lei de 28 de julho ultimo, entra em vigor no proximo mez de janeiro.

Uma verdadeira rede de malha apertadissima, esgotando a materia collectavel.

E' fartar, esbanjadores do suor do povo.

Termina no dia 31 do proximo mez de Dezembro o prazo para a troca das moedas do antigo cunho, de 5, 10, 20 e 40 reis.

Os jornaes ainda se occupam do crime horrivel da Povoia, freguezia de Coz, perpetrado por um tal Francisco Malaqueijo, da freguezia de Maiorga, o qual já se acha prezo.

O assassinato apresenta-se revestido de circumstancias agravantissimas, e o criminoso possuido d'uma ferocidade e cynismo inauditos. As duas victimas, duas pobres raparigas, retiravam-se do mercado semanal que costuma fazer-se aos domingos, em Alcobaça, e cerca das 4 horas da tarde, ao chegarem a um sitio denominado do Ratinho, encontraram Malaqueijo, que vinha para Maiorga. Maria Pereira foi por este agarrada e beijada, esta resistiu e gritou. O malvado tirou-lhe uma saia que ella levava aos hombros e pendurou-a n'uma foice roçadoura que tinha na mão e como ella lh'a pedisse chorando, elle disse-lhe que fosse ali para o pinhal que lá lh'a dava. Maria Pereira continuava a chorar, dizen-

do-lhe que elle era casado, velho e tolo. A isto respondeu-lhe o desalmado com uma forte pancada n'um braço.

Um rapaz de 18 annos que chegava a este tempo lançou-se ao agressor. Este ver-to-se agarrado, largou a foice e cadoura e puchou por uma navalha; o rapaz pegou na foice e fugiu.

Maria Vicencia gritava e dizia que o que elle, Malaqueijo, precisava era ir para uma cadeia; n'isto voltou-se a ella vibrando-lhe tal golpe nas guellas que a pobre cahiu-lhe aos pés exanime, tendo deixado já a outra infeliz horivelmente mutilada.

Depois de praticar estes actos de heroismo foi assentar-se na borda do caminho ao tempo que passava José Pereira, moleiro, pae da segunda victima, e disse-lhe:—adeus, ó José Pereira, anda cá, assenta-te aqui para irmos beber uma pinga.

—Não, respondeu o Pereira, vão ahí adeante as raparigas e oiço gritar e tenho medo que haja alguma novidade.

—Estão ahí em baixo a brincar uma com a outra, não vás com pressa, respondeu o cynico.

Quando o desolado pae chegou ao lugar do assassinato, ficou horrorisado com o espectáculo: a filha iuctando com a morte, e a companheira já cadaver.

Em Santa Comba, perto de Ceia, um rapaz que emigrou para o Brazil, escreveu ao pae dizendo-lhe, que a sua viagem menos regular o tinha affligido muito, e por isso promettera uma missa de 600 reis, a uma santa da sua terra.

Mal que a padralhada soube do caso, arranhou logo uma rapariga que na localidade soffre de ataques epilepticos, e fizeram espalhar que o rapaz havia fallecido, que a alma sem abrigo no ceu se introduzira no corpo da rapariga, d'onde não sairia sem que se rezasse uma missa de 600 reis! Foi dito e feito.

O pobre do homem que não possuia um real para pão, vendeu uma manta da cama e mandou dizer a missa!

O padre da freguezia, já se vê, aceitou o encargo de arrancar a alma penada, e recebeu os *baquinhos*, assim tão vilmente estorquidos ao desgraçado pae, que julgou cumprir um dever de consciencia, deixando-se roubar.

A religião é, pois, a mais poderosa alavanca da civilisação.

O arcebispo de Vienna querendo salvaguardar ha tempo o dogma da unigenitura de Jesus Christo, lançou o anathema sobre uma tela d'um celebre pintor austriaco. O quadro representava a *Santa Familia*, apresentando a Virgem rodeada de filhos. O porpurado viennense observou ao pintor que a sua tela estava em opposição ao dogma catholico e aconselhou-o a retirar a da galeria, ao que o artista accedeu amigavelmente.

O facto porem provocou uma questão entre o padre e o secular a proposito da Biblia, cujo texto o autor da *Santa Familia* invoca para corroborar a fidelidade do quadro. E pelo visto, o beaterio e todo o orbe catholico vae ficar apatetado com o contheudo de uma carta que o pintor acaba de dirigir ao cardeal, datada de Maisons Lafitte, de 14 do corrente.

Chamamos a attenção dos leitores para o que elle diz, entre outras coisas:

«A santa familia era bastante numerosa. Além de N. S. Jesus Christo, que era o primogenito, a Santa Virgem teve ainda sete ou oito filhos rapazes ou raparigas. Verifique cada um o bem fundado do que avanço abrindo a biblia nas passagens seguintes:

S. Matheus. XIII, 55, 56,— 1, 25.— XII, 47, 48, 49.

S. Marcos. VI, 3— III, 31, 32, 33, 34, 35.

S. João. II, 12.

Por causa dos escrupulos e

duvidas que pode fazer nascer esta contradicção não posso propôr outro meio senão a proxima reunião d'um concilio ecumenico que cortará esta questão e outras, tão cheias de consequencias. Quanto mais se demorar esta resolução, tanto mais se accentuará a *desvilita*»

O proprio texto biblico a desmascarar o embuste. Os dogmas vão a desaparecer.

Segundo um telegramma, a Allemanha pede á Hespanha a protecção para os subditos, feitorias, depositos da sua nação estabelecidos nas ilhas Carolinas, Mariannas e Palaos. Pede mais a excepção de direitos aduaneiros para as suas mercadorias e tambem pede uma estação naval.

Quer dizer, a Hespanha ficaria com a posse das ilhas, subscrevendo aos gastos da sua administração; a Allemanha colheria os fructos.

Nunca acreditámos que Bismark encolhesse as unhas resignado com a decepção d'um mallogro. Elle premedita outros planos para reaver a auctoridade que se lhe offuscou n'um momento. A Hespanha official já contemporisou servilmente ás instrucções de chanceler de ferro, pelos ultrages feitos em Madrid á bandeira allemã, e os factos vão corroborando que Bismark não retrocedeu ainda no campo das usurpações na questão das Carolinas.

Devem recordar, commenta um jornal hespanhol com muita graça os desejos da Allemanha, o conto d'aquelle frade pedinchão, que ao sollicitar uma cruz a um carpinteiro, pedia primeiro um madeiro comprido, depois outro mais curto, um cravo, um martello e por ultimo que o operario pregasse as hastes em forma de cruz.

E' bem applicado ás pretensões allemãs. Bismark pôde dispensar a posse das ilhas; quer, porem, em troca, protecção para os subditos, feitorias, etc. do seu paiz.

CONTRA A DEBILIDADE

Recomendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Pectoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

Está a concurso, em Vianna, a cadeira elementar do sexo masculino, da freguezia de Santa Maria Maior, com o ordenado de 120\$000 reis.

—Está a concurso o lugar de professora interna do asilo de D. Pedro V, de Braga, com o ordenado de 8\$000 reis mensaes, cama, meza e roupa lavada.

—Perante a camara municipal de Castro Verde, estão a concurso as cadeiras de ensino elementar do sexo masculino das freguezias de Casevel, S. Marcos d'Atabueira e Santa Barbara de Padões, cada uma com o ordenado fixo de 100\$000 reis e gratificação respectiva.

—A camara municipal do concelho de Albergaria a Velha abriu concurso para provimento da cadeira de ensino elementar do sexo masculino, da freguezia de S. João de Loure, d'aquelle concelho, com ordenado annual de 120\$000 reis.

E' desafortadamente perseguida a imprensa no reino visinho. A Hespanha atravessa um periodo calamitoso, prenuncio d'um grande reviramento. O que se passa ali com relação principalmente ao jornalismo, assemelha-se ás convulsões d'um moribundo nos transe da ultima agonia, tentando agarrar-se á vida, que sente fugir-lhe, com uma anciedade suprema.

Em menos de quatro meses tem-se feito na Hespanha 794 denuncias de periodicos folhetos e livros. Nos ultimos dias foram querelados *El Boletim dos Typographos*, *La Bandera Social*, *Las*

Dominicales e El Motin. Este ultimo, jornal de caricaturas que tem farpado tenazmente a situação hespanhola, é alvo de continuos ataques da policia de D. Alfonso.

A ultima aggressão, violenta, dá-nos a medida do estado em que se encontram as garantias populares na infeliz Hespanha.

Quando estavam fazendo a tiragem, um creado da imprensa levou os exemplares já tirados a fim de os conduzir á administração; mas no tracto, a poucos passos da imprensa, sahiram-lhe os esbirros e tomaram-lhe á viva força os numeros que levava e principiaram a dobral-os.

Ao ruído ajuntou-se povo que increpava os agentes da auctoridade pela maneira indigna como procediam e enquanto pretendia convencel-os de que essa edição não podia ser pronunciada pela simples razão de não ter ainda sahido para o publico, apparecia um outro janisaro com a ordem de denuncia.

Este agente sequestrou e cagou toda a tiragem, não escapando um unico exemplar, e no dia seguinte o governador civil impunha á empresa do jornal a multa de 125 pesetas, «por não haver apresentado no governo civil os exemplares segundo as disposições vigentes», e outra multa de 500 pesetas, pela caricatura contida na mesma edição, que representava uma offensa á moral!

E' inaudito! E' o ultimo arranco do moribundo.

O governo allemão vae convidar as potencias a uma conferencia, preparatoria de um tratado internacional que regule o modo de illuminar as costas maritimas, em todas as partes do mundo, no interesse do commercio e da navegacão internacionaes.

A conferencia occupar-se-ha, principalmente, de estudar os meios necessarios para a illuminacão das costas dos paizes não civilisados, ou desertos. O almirante allemão propõe que deve começar-se essa obra grandiosa por celebrar tratados com os chefes dos povos barbaros, em que

estes se obriguem a proteger os naufragos; comprometendo-se, ao mesmo tempo, as nações civilisadas a exigirem o cumprimento d'esta obrigacão.

N'um só dia os principais periodicos de New-York continham:— o Times, 32 columnas de anuncios com 653 inserções diversas; o World, 20 e meia columnas com 520 inserções; O Sun, 17 e trez quartos columnas com 322 inserções; o Tribune, 17 columnas com 35½ inserções. Ao todo, n'estes quatro periodicos diarios, são 87 columnas e 1:840 inserções. Porém, o New-York-Herald continha no mesmo dia 110 e meia columnas de anuncios, as quaes comprehendiam 5:020 inserções.

Uma só columna do Tribune de Chicago rende annualmente cerca de 20 contos O New-York-Herald tira da columna de menos preço a bagatella de cerca de 60 contos por anno!

E' um assombro. Se investigamos as causas d'este enorme rendimento, encontrámo-las no

facto de que no grande paiz norte-americano todo o mundo sabe ler.

BIBLIOPHIA

Insistencia.— E' o titulo de um opusculo que o sr. Antonio da Silva Pereira de Magalhães acaba de publicar, refutando um artigo do sr. Oliveira Martins, inserto na Moda, jornal privativo da importante chapellaria dos srs. Costa Braga & Filhos.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

O Livre Exame.— Recebemos e agradecemos o 3.º numero d'esta revista mensal, órgão da Associação propagadora do livre pensamento.

Todos os pedidos á administração, rua das Canastras, 22—1.º Lisboa.

Pastelleiro de Hérizal.— Recebemos o fasciculo n.º 2. E' editora a Empreza Noites-Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

Recébemos o fasciculo 53 das **Mulheres de Bronse**, esplendido romance editado pela empreza Serões-Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26— Lisboa.

A Ilustração Portuguesa.— Recebemos o n.º 18 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

ALUGA-SE

UMA casa sita na rua de Santo Antonio. A tratar com A. Ponce Leão Barbosa.

FRANCISCO PEREIRA DE LIMA
EMPRESARIO DA
Fundição do Braçal
EM SEVER DO VOUGA

PARTICIPA aos seus freguezes e ao publico que se acha habilitado a fornecer os seguintes trabalhos de fundição de ferro e bronze:— fogões de sala até 7 gostos diferentes, bancos para jardins e praças, ornatos para gradeamentos de janellas, panellas, ferros d'alfaite, ditos amarellos a vapor para engomar, bombas para tirar agua, encanamentos para agua ou gaz. E todas as mais obras pertencentes á sua arte. Preços reduzidos.

O annunciante apresenta-se em qualquer parte onde seja convidado para tratar qualquer obra.

Encomendas e correspondencia ao annunciante, para as Minas do Braçal.

CREADAS

PARA uma casa de familia que reside no lugar de Esgueira, distante da cidade de Aveiro cerca de um kilometro, são precisas duas creadas, uma para serviço de meza e quartos e outra para cozinha.

Exigem-se boas informações, mas dá-se boa soldada.

Quem estiver nas condições póde dirigir-se a esta redacção onde obterá os necessarios esclarecimentos.

Venda das ruinas d'um palacete EM AVEIRO

VENDEM-SE no largo do Terreiro as ruinas do palacete com suas pertencas, que foi do exc.º sr. visconde d'Almeida. Tem bonitas vistas para toda a ria. Quem a pretender dirija-se a João Rodrigues da Rocha.

Praça do Commercio, n.º 1—Aveiro.

BANDEIRAS

HA-as de lindos gostos em casa de José Vieira Guimarães, que as aluga por preços modicos.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, autorizado, e aprovado pelo governo, e pela Junta consultiva de saúde publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debolis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inaccão dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debolis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentacão do jantar, e concitado elle,

toma-se igual porção ao ctoas, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEBRA SEM RIVAL

Superior a quantas até hoje tem apparecido no mercado

DA ANTIGA FABRICA DE
C. C. MOREIRA & C.ª

Premiada na ultima exposiçãõ de Lisboa.

Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia e outros do Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FAC-SIMILE) dos fabricantes.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA
COM
OFFICINA DE SERRALHERIA
EM
— AVEIRO —

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA
COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a
MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO N'ESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanaes, sem prestacão de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"
AVEIRO—75, Rua de José Estevam, 79—AVEIRO
(Regado á Caixa Economica)

FONSECA

(ENDEREÇO TELEGRAPHICO EM LISBOA—Ignacio. N.º TELEPHONICO—92)

GRANDE LOTERIA DE MADRID

Extracção em 23 de dezembro de 1885

7557 PREMIOS

ANTONIO I. DA FONSECA
LISBOA—Rua do Arsenal, 56, 64 | PORTO—Feira de S. Bento, 33, 35.
Correspondentes em todos os pontos do paiz

São 53 ps premios maiores da importante loteria
Aproximado em moeda portugueza a pagar pelo melhor cambio do dia:

1 de	450.000\$000
1 de	360.000\$000
1 de	180.000\$000
1 de	135.000\$000
1 de	90.000\$000
2 de	45.000\$000
3 de	30.000\$000
4 de	22.500\$000
7 de	14.400\$000
18 de	9.000\$000
21 de	3.000\$000

Os restantes são:
2 approximações de 9.000\$000, 2 de 3.600\$000, 2 de 2.160\$000, e 2 de 1.260\$000 réis; 495 de 440\$000; para as 5 centenas dos premios maiores e mais para sorteo 2.000 de 440\$000, e 4.999 reintegros de 90\$000 réis.
TOTAL—7.558-premios.

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca, rua do Arsenal, 56 a 64, Lisboa, e casa filial no Porto, Feira de S. Bento, 33 a 35 e correspondentes em todos os pontos do paiz, faz sciente ao publico que tem nos seus estabelecimentos variadissimo sortimento para a grande loteria de Madrid de 23 de dezembro de 1885.

Satisfaz todos os pedidos, quer sejam para jogo particular como para negocio, com promptidão, vindos os pedidos acompanhados da sua importancia em vales do correio, ordens sobre Lisboa e Porto, notas do banco, sellos do correio ou em outra qualquer especie de prompta liquidacão.

PREÇOS:—Bilhetes inteiros a 92\$000 rs. Meios bilhetes a 46\$000 rs. Quintos a 18\$400 rs. Decimos a 9\$200 rs.

Fracções de 65000, 43800, 43500, 38000, 23400, 23000, 15500, 15200, 1500, 600, 480, 300, 240, 200, 150, 120 e 60 rs.

Series de 100 numeros seguidos com os premios garantidos pelo plano de: 600\$000, 480\$000, 300\$000, 240\$000, 150\$000, 120\$000, 96\$000, 60\$000, 48\$000, 24\$000, 12\$000, 6\$000 rs. Series de 50 numeros seguidos com premios garantidos pelo plano de: 300\$000, 240\$000, 120\$000, 60\$000, 48\$000, 30\$000, 24\$000, 12\$000, 6\$000, 3\$000 rs. Series de 40 numeros seguidos com premios garantidos pelo plano de: 60\$000, 48\$000, 30\$000, 24\$000, 6\$000, 48\$000, 30\$000, 24\$000, 12\$000 e 600 rs.

O cambista FONSECA está bem sortido e lembra aos affastados do jogo de loterias que não deixem de jogar n'esta grande loteria.

O cambista FONSECA satisfaz todos os premios que tenha a fortuna de vender nas suas casas á chegada da lista geral, que deve ser no dia 23.

Pedidos ao cambista

LISBOA — Antonio Ignacio da Fonseca — PORTO

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituente e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentacão das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anémicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

DEPOSITO em Aveiro, farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A venda nas principaes farmacias do reino. Em Aveiro, farmacia Moura; emphavo, João C. Gomes. Deposito geral, Ipharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.